

Três cartas de Marcel Proust – o autor responde a seus críticos

Alexandre Bebiano de Almeida

Samuel Beckett não fazia questão de ler a vasta correspondência do autor de *Em busca do tempo perdido*. Ele abria sua monografia sobre o romance dizendo que não haveria ali “nenhuma alusão à vida e à morte legendárias de Marcel Proust, nem à viúva tagarela das *Cartas*”.¹ Em outro ensaio, Beckett podia chegar a imaginar as páginas de um diário, onde um virtual professor universitário registraria suas impressões de leitura:

Acabo de ler uma carta de Proust, endereçada a não sei mais quem, uma (ou deveria dizer: um) dessas Albertines-Jupiens decerto, e onde explica por quais razões não pode mais, mas de maneira alguma, assoar o nariz domingo de manhã antes das seis horas. O microcosmo de sua tese, precipitando-se pelas alturas de um pagode invertido de tergiversações teleológicas, termina esmagando a nossa sensibilidade como um bólido vitorioso.²

Sugerindo que ela seria um manancial de fórmulas decadentes, essas ironias podem afastar mais de um da correspondência de Proust, o que seria um equívoco. Com efeito, descontando o caráter homofóbico da paráfrase (“a viúva tagarela das *Cartas*”), assim como a irreverência para com o estilo pernóstico do professor universitário (sempre bem-vinda), a ironia de Beckett ressalta alguns dos elementos mais importantes da expressão proustiana: de um lado, as exageradas e infinitas complicações do “eu” (“não, não posso mais, mas de maneira alguma, assoar o nariz no domingo de manhã, antes das seis horas!”); e de outro, a tortuosa sintaxe, criada para suportar todas as complicações sentidas (ou inventadas) por esse “eu” ampliado pelos caprichos da imaginação, desejoso de abraçar, em um só movimento, em uma só oração, as tramas intrincadas vigentes em nosso

¹ BECKETT, Samuel. *Proust*. Tradução de Arthur Nestrovski. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 2.

² BECKETT, Samuel. *Disjecta*. Nova York: Grove, 1984. p. 41. Tradução livre.

vasto, vasto mundo (e não apenas nos mucos de seu nariz).³ Assim é que o filólogo alemão Leo Spitzer, analisando o estilo de *No caminho de Swann*, pôde declarar que suas frases intrincadas refletem a realidade complexa contemplada pelo autor: “nada é simples no mundo e nada é simples no estilo de Proust”.⁴

As cartas não deixam de dar testemunho das complicações do “eu” que está na base da narrativa proustiana. O fascínio que as complicações mais absurdas exercem sobre Proust já foi estudado por vários autores, e podemos citar um dos trechos do ensaio de Walter Benjamin no qual o filósofo alemão comenta o amor de Proust pelo formalismo e declara que algumas de suas cartas são “verdadeiros sistemas de parênteses”, que podem lembrar o famoso bilhete de um escritor à proprietária de um salão: “Minha senhora, acabei de notar que esqueci minha bengala em sua casa, e peço-lhe que a entregue ao portador. P.S. Desculpe-me pelo incômodo, já a encontrei”.⁵ O desfecho dessa mensagem poderia ser comparado ao que encontramos na segunda carta traduzida aqui. Afinal, Proust escreve toda uma longa carta com o intuito de demonstrar ao crítico os méritos de seu *No caminho de Swann*, para concluir por fim: “Mas o senhor tem razão, todo o romance é bem ruim”. A argumentação absurda, feita para engolir a própria cauda, desautorizando a si mesma, será também encontrada no romance, em que certas frases, tentando explicar um detalhe ou um mero gesto, são precedidas por uma série de “talvez” que acabam sugerindo o ridículo de todo esforço da razão.⁶ Nessa linha, lembremos uma das cenas que se passam no hotel de Balbec, quando o protagonista puxa conversa com o ascensorista dentro do elevador e espera em vão por uma resposta.

Ele não me respondeu, seja por espanto com minhas palavras, atenção ao trabalho, apego ao protocolo, problemas de audição, respeito ao local, temor do perigo, preguiça da inteligência ou ordens do diretor.⁷

³ Realizando um trabalho de linguística quantitativa sobre o estilo e o vocabulário de Proust, Etienne Brunet sublinha os mais evidentes “traços de originalidade do estilo” proustiano, a saber, “a superabundância de subordinadas e a complexidade da frase”. (BRUNET, E. *Le vocabulaire de Proust*. Genebra: Slatkine; Paris: Champion, 1983. p. 251, n. 19. Tradução livre).

⁴ SPITZER, Leo. Le style de Marcel Proust. In: _____. *Études de style*. Paris: Gallimard, 1970. p. 398. Tradução livre.

⁵ BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 42.

⁶ Para a análise de uso do “talvez” em Proust, ver SPITZER, L. *Études de style*, p. 453.

⁷ PROUST, M. *À la recherche du temps perdu*. Paris: Gallimard, 1988, t. II. p. 26. Tradução livre.

Embora as explicações sejam inúmeras, nenhuma delas parece ajudar em muita coisa: de que maneira compreender o silêncio de um ascensorista dentro do elevador de um hotel de luxo? E se nossa razão não consegue explicar o silêncio de um próximo, como poderíamos compreender problemas maiores, como aqueles relativos à moral, à filosofia ou à história?

PROUST E SEUS CRÍTICOS – A PRIMEIRA RECEPÇÃO DE *NO CAMINHO DE SWANN*

As três cartas aqui traduzidas remetem à primeira recepção de *No Caminho de Swann*. Nelas vemos Proust travando um debate com os críticos contemporâneos para que seu romance seja reconhecido como uma obra composta, organizada de acordo com um plano, e não como um livro de memórias, construído ao sabor das lembranças. Desde o lançamento de seu romance, Proust demonstra um grande interesse por sua recepção, escrevendo aos críticos não somente para agradecer sua leitura, mas também para corrigi-la. Nesse sentido, é exemplar a fórmula que encontramos em carta destinada ao crítico Henri de Régnier, que fizera uma resenha elogiosa do romance:

Como os autores mais lisonjeados não estão jamais completamente contentes com seu retrato, permita-me dizer (o que não diminui nada em minha infinita gratidão) que não estou de acordo com o senhor quando vê [...].⁸

Quando *No caminho de Swann* aparece, em novembro de 1913, não são poucos os críticos que o acolhem com uma série de reservas.⁹ É quase um lugar-comum nessa recepção o argumento de que o volume não passa de um apanhado fortuito de lembranças, retratos e divagações. A ideia aparece tanto nas primeiras leituras

⁸ PROUST, M. [Carta a Henri de Régnier, nov. de 1920]. In: _____. *Lettres*. Paris: Plon, 2004. p. 975. Tradução livre.

⁹ Eis alguns dos críticos que acolheram o romance proustiano com fortes reservas: Paul Souday no *Le Temps*, em 10 de dezembro de 1913; Henri Ghéon na *Nouvelle Revue Française*, em 1º de janeiro de 1914; André Chaumeix no *Journal des Débats*, em 25 de janeiro de 1914; Rachilde (senhora Alfred Vallette), no *Mercur de France*, em 15 de janeiro de 1914; Jean de Pierrefeu no *Opinion*, em 24 de janeiro de 1914. Sobre o tema, é possível consultar: FRAVALO-TANE, P. À la recherche du temps perdu en France et en Allemagne. Paris: Champion, 2008. p. 48-59. Ver também acerca da recepção crítica do romance na França e no Brasil: OLIVEIRA, M. Marta Laus Pereira. Aspects de la critique proustienne en France et au Brésil. *Fragmentos*, Florianópolis: UFSC, v. 6, n. 2, p. 55-84, jan./jun. 1997.

dos editores quanto nas resenhas de jornais, e era seguida quase sempre de uma censura ao diletantismo do autor. Esses artigos insistem no fato de que *No caminho de Swann* não tem uma organização clara e que é mesmo “caótico”, tal como diz Paul Souday em sua nota sobre o livro:

Parece-nos que o grande volume do senhor Marcel Proust não é composto e que é tão desmesurado quanto caótico, mas compreende elementos preciosos com os quais o autor poderia compor um requintado livro.¹⁰

Rachilde (senhora Alfred Vallette), a responsável pela crítica no *Mercur de France*, será ainda mais severa:

Comecei a ler esse livro com entusiasmo, depois acabei abandonando-o com terror, como recusaríamos beber um soporífico. Ele é a um só tempo muito divertido, muito interessante, e exasperante, anestesiante. Quando o autor conseguir escolher entre os mil e um detalhes que se apresentam a seu espírito para exprimir um sentimento ou realizar um quadro, escreverá certamente uma obra-prima.¹¹

Por sua vez, André Chaumeix declara que o livro deve ser lido como uma “negligente e pitoresca biografia” [*nonchalante et pittoresque biographie*]. Nesse sentido, é de lembrar que, em 1912, quando tenta publicar o primeiro volume de sua obra, Proust envia seus originais a três editoras: Fasquelle, Gallimard e Ollendorf;¹² mas todas, sucessivamente, recusam sua publicação, de sorte que Proust decide, por fim, custear ele próprio sua obra na editora Grasset. O parecer que fundamentou a recusa da Fasquelle, redigido por um crítico que assina somente “Jacques Madeleine”, dá uma boa amostra dessa primeira recepção:

¹⁰ SOUDAY, P. Du coté de chez Swann – 10 décembre 1913. In: _____. *Marcel Proust*. 5. ed. Paris: Simon Kra, 1927. p. 11.

¹¹ Citado em PROUST, M. *Lettres*, p. 672.

¹² A recusa da editora Ollendorf foi realizada por seu diretor, Alfred Humblot, e tornou-se famosa. Ela encontra-se em uma carta enviada a Louis de Robert, um amigo de Proust que se propôs a intermediar as negociações com a editora: “Caro amigo, sou talvez um espírito obtuso, mas não posso compreender que um senhor possa empregar trinta páginas para descrever como ele se vira na sua cama de um lado para o outro, antes de encontrar seu sono” (citado por ROBERT, L. *Comment débute Marcel Proust*. Paris: Gallimard, 1969. p. 9. Tradução livre).

No fim das setecentas e doze páginas desse manuscrito [...] – depois de infinitas desolações, de ser afogado em insondáveis desenvolvimentos e irritantes impaciências a ponto de não se voltar à superfície – não se tem nenhuma noção do que se trata. Qual é o propósito de tudo isso? O que tudo isso significa? Onde tudo isso quer chegar? – Impossível saber! Impossível dizer!¹³

O parecer acrescenta que a obra, não tendo nenhuma composição clara, poderia começar quando bem quisesse e terminar a qualquer momento:

Dado o procedimento de “tagarelar durante horas enquanto percorre um caminho” que ele [o autor] emprega, escrever vinte volumes é tão normal quanto se limitar a um ou dois.

E suas palavras são severas quanto à personalidade que se esconderia por detrás desse estilo:

trata-se da monografia de um jovem doente, com um sistema nervoso perturbado, com uma sensibilidade, uma impressionabilidade e uma sutileza meditativa exacerbadas.

Boa parte dos argumentos desfavoráveis ao romance estão resumidos nessas críticas, sem meias palavras. O crítico Henri Ghéon, escrevendo para a *Nouvelle Revue Française* de 1º de janeiro de 1914, declara que *Swann* seria “uma obra de ócio”, porque “o autor tem diante de si todo o tempo que for preciso para amadurecer, combinar, produzir uma obra considerável”. Mas, segundo o crítico, o autor se mostra incapaz de “escolher” e “julgar”, e “não tendo de julgar, não tem de recusar; e não recusa nada”. Daí a extensão e a prolixidade do romance: “O senhor Marcel Proust, em vez de resumir-se, de contrair-se, abandona-se”. Para o crítico, o autor acaba realizando assim “o contrário de uma obra de arte, isto é, o inventário de suas sensações, o recenseamento de seus conhecimentos”. Tudo somado, a conclusão é severa: “Ele [o autor] não tem sequer o trabalho de ser lógico e menos ainda de ‘compor’.”¹⁴

¹³ Citado por LHOMEAU, F.; COELHO, A. *Marcel Proust à la recherche d'un éditeur*. Paris: Olivier Orban, 1988. p. 255. Tradução livre.

¹⁴ Citado por LHOMEAU. *Marcel Proust à la recherche d'un éditeur*, p. 307-308.

Proust responderá ao crítico com uma carta pessoal, que traduzimos aqui. Mesmo apresentando uma série de evasivas – “Reconheço que sou eu que estou errado em tudo isso, pois não admito que julguem um autor por seus propósitos, e não por seu livro”¹⁵ –, ele termina por declarar que seu romance foi construído de acordo com um plano lógico ou filosófico: “todas as minhas personagens, todas as circunstâncias de meu livro, são inventadas com um propósito de significação”. Proust admite assim que sua obra, ao se debruçar sobre as coisas mais díspares, está sempre à procura de certas leis gerais que organizam nossa realidade: “mas sejam estrelas ou micróbios, se os estudarmos com desinteresse, podemos neles descobrir, mais do que mediante a observação pura e simples, as leis profundas da vida ou da natureza”. Mas se, por um lado, admite que sua obra possui um plano rigoroso, por outro, acrescenta: “Não teria sido grosseiro e muito simples anunciar desde o início meu plano para o leitor?”

Ainda no capítulo dos desencontros entre Proust e a crítica, poderíamos citar as cartas trocadas com André Gide, um dos dirigentes e fundadores da *Nouvelle Revue Française*, quando a editora Gallimard decide publicar *Em busca do tempo perdido*. Gide demonstra aí seu arrependimento por haver recusado o romance e explica os motivos dessa negativa: julgava então o autor, não um escritor, mas um esnobe, propondo uma obra avessa aos propósitos da *NRF*:

Para mim, o senhor teria permanecido aquele que frequenta a sra. X ou Y, e aquele que escreve no ‘Figaro’. Julgava-o, confesso, *no caminho dos Verdurin!*, um esnobe, um mundano amador – um tipo de coisa que não poderia ser mais deplorável à nossa revista.¹⁶

Assim, em carta de junho de 1914, Proust podia explicar a Gide que seu romance não era uma mera coleção de lembranças fortuitas, “que tudo isso não é uma vã evocação de diletante”.¹⁷ Do mesmo modo, em carta dirigida a Jacques Rivière, então secretário da *NRF* (e que traduzimos aqui), Proust podia declarar que não sofria de nenhum “ceticismo desencantado” e que sua obra seria uma busca da verdade:

¹⁵ PROUST, M. [Carta a Henri Ghéon, 2 jan. 1914]. In: _____. PROUST, M. *Correspondance*. Paris: Plon, 1985, t. XIII, p. 24.

¹⁶ GIDE, A. [Carta a Marcel Proust, 11 jan. 1914]. In: PROUST, M. *Correspondance*, t. XIII, p. 53.

¹⁷ PROUST, M. [Carta a André Gide, 10 ou 11 jun. 1914]. In: _____. *Correspondance*, t. XIII, p. 247.

É apenas no fim do livro, e uma vez as lições compreendidas, que meu pensamento se revelará. Este que eu exprimo no fim do primeiro volume [...] é o *contrário* de minha conclusão. Ela é uma etapa, de aparência subjetiva e diletante, rumo à mais objetiva e crédula das conclusões.¹⁸

Como se vê, Proust não concebe sua obra como uma criação diletante. Ele acredita que seu romance possui um caráter pedagógico, desmistificador, e que sua leitura conduz “à verdade objetiva”. É o que responde ao crítico Jean de Pierrefeu, para se defender da acusação de que praticava uma literatura restrita ao subjetivismo das análises psicológicas:

Pascal disse que, se um pouco de ciência afasta da religião (não sei mais os termos exatos), muita ciência leva de volta a ela; não tenho a pretensão de pedir que leiam religiosamente meus livros. Mas, se eles forem lidos sem opiniões preconcebidas, sem pierrefeuísmo, ver-se-á que a análise psicológica conduz neles sempre à verdade objetiva, a essa verdade sem a qual não há ação possível e que será mais necessária amanhã do que nunca.¹⁹

Isso dito, o que seria essa “verdade objetiva” a que o romance de Proust conduziria seus leitores? O tema é daqueles difíceis. E tenho a impressão de que o registro discursivo da correspondência permite a Proust “expor” essa verdade em um tom diferente, em uma forma diversa daquela que vamos encontrar no romance.²⁰ Não se trata de tomar a palavra do autor (seria preciso dizê-lo?) como se fosse a última (digamos que ela não é a última, mas certamente uma das primeiras). De resto, ela não encerra menos problemas do que as interpretações, bem ou mal feitas, que serão propostas depois. Nas três cartas que traduzimos, Proust demons-

¹⁸ PROUST, M. [Carta a Jacques Rivière, 6 fev. 1914]. In: _____. *Correspondance*, t. XIII, p. 98.

¹⁹ PROUST, M. [Carta a Jean de Pierrefeu, jan. 1920]. In: _____. *Lettres*, p. 943.

²⁰ Quanto aos temas próprios da escrita epistolar, declara Brigitte Diaz: “Ignorando, com orgulho, as exigências retóricas da disposição e da argumentação, a carta se debruça sobre todos os assuntos. Desde a reflexão moral até a crítica literária, passando pela introspecção biográfica, não existem campos que a sonda epistolar não se dê o trabalho de explorar” (DIAZ, B. *L'épistolaire*. Paris: PUF, 2002. p. 40). Nessa linha, a carta se apresenta como um discurso que não se subordina a explícitas normas de organização, um discurso capaz de abordar, com a mesma naturalidade, tanto o cotidiano mais miúdo quanto os temas mais profundos, abarcando os registros mais diversos, seja reflexivo, literário, confessional ou prosaico.

tra uma clara consciência dos problemas interpretativos que seu romance suscita e pedirá sem cessar a seus correspondentes que o julguem, “não por suas intenções, mas pelo que fez”.²¹ Nesse sentido, a correspondência proustiana aparece como um espaço, uma verdadeira oficina, em que o escritor, gozando de bastante liberdade, elabora explicações teóricas, digressões especulativas de todo tipo, com o intuito de discutir seu projeto artístico com seus leitores. As cartas aqui traduzidas não nos dão assim somente informações sobre o romance de Proust; servem também como um exemplo dos predicados de sua escrita, capaz de atingir o nível reflexivo ou filosófico do ensaio, sem desprezar o registro de conversação da carta. Apresentando as cartas que trocou com Proust, o romancista e cronista Lucien Daudet não hesita em associar a voz do narrador de *Em busca do tempo perdido* à das cartas:

a ‘voz’ do narrador de *Swann* é a mesma voz que encontramos nas cartas de Marcel Proust, a voz de Marcel Proust, voz acessível, não transposta para a literatura de maneira alguma, voz que poderíamos interromper para perguntar sobre o tempo, e a que o narrador responderia coisas magníficas sobre a temperatura, e que ele incorporaria sob medida à sua massa, seguro de sua boa fermentação assim como o padeiro está confiante em seu material [...].²²

TRÊS CARTAS DE MARCEL PROUST

Traduzimos aqui três cartas relacionadas à recepção de *No caminho de Swann* em 1913. Essas cartas dão uma medida dos debates que o romance suscitou. A primeira é uma resposta a Daniel Halévy, um velho amigo de liceu de Proust.²³ A segunda é uma resposta ao crítico Henri Ghéon da *Nouvelle Revue Française*.²⁴ A terceira responde a Jacques Rivière, então secretário da *NRF*.²⁵ Dirigidas a amigos e críticos, essas cartas demonstram a preocupação de Proust com as leituras e as interpretações que eram então propostas para sua obra.

²¹ PROUST, M. [Carta a Henri Ghéon, jan. 1914]. In: _____. *Correspondance*, t. XIII, p. 24.

²² DAUDET, L.; PROUST, M. *Autour de soixante lettres de Marcel Proust*. Paris: Gallimard, 1929. p. 54-55. Tradução livre.

²³ PROUST, M. [Carta a Daniel Halévy, pouco depois de 6 fev. 1914]. In: _____. *Correspondance avec Daniel Halévy*. Paris: Fallois, 1992. p. 130-131.

²⁴ PROUST, M. [Carta a Henri Ghéon, 2 jan. 1914]. In: _____. *Correspondance*, t. XIII, p. 22-27.

²⁵ PROUST, M. [Carta a Jacques Rivière, 6 fev. 1914]. In: _____. *Correspondance*, t. XIII, p. 98-100.

Os 21 volumes da correspondência de Proust que conhecemos foram estabelecidos por Philip Kolb. De 1970 a 1993, o pesquisador da Universidade de Illinois organizou e publicou os volumes dessa correspondência, em ordem cronológica, com notas e vasto aparato crítico.²⁶ Embora compreenda mais de cinco mil cartas, sabemos que esses volumes representam apenas uma pequena parte da correspondência total do autor: segundo Kolb, talvez apenas “uma em cada vinte cartas”²⁷ foi trazida a público. A grande parte das cartas que conhecemos foi adquirida por bibliotecas e universidades, ou publicada pelos próprios correspondentes de Proust. Boa parte das cartas que desconhecemos foi perdida, outra parte se acha em mãos de colecionadores e circula em leilões de objetos de arte. Cartas inéditas de Proust vêm assim a público regularmente. Uma importante antologia das cartas de Proust – um volume de mais de seiscentas cartas, abrangendo toda a vida do autor – foi organizada por Françoise Leriche.²⁸

Informações sobre a vida de Proust podem ser encontradas nas diversas biografias escritas sobre ele. A de Jean-Yves Tadié, intitulada *Marcel Proust*,²⁹ em dois grandes volumes, talvez seja a mais acadêmica e completa. Para informações sobre familiares, amigos e correspondentes de Proust, o *Dictionnaire Marcel Proust*,³⁰ organizado por Annick Bouillaguet e Brian Rogers, oferece um bom auxílio, assim como as notas biográficas compostas para a antologia já citada aqui.³¹ Boa parte da correspondência que Proust manteve com importantes personalidades do período foi publicada em volumes independentes: é o caso da correspondência com Jacques Rivière,³² Daniel Halévy³³ e Gaston Gallimard.³⁴ Muitos textos relativos à

²⁶ PROUST, M. *Correspondance*. Paris: Plon, 1970-1993. 21 v.

²⁷ KOLB, P. citado por FRAISSE, L. *La correspondance de Proust*. Besançon: Annales Littéraires de l'Université de Franche-Comté, 1998. p. 149. Para uma introdução a essa vasta massa de documentos, o melhor estudo que conhecemos é o livro de Luc Fraisse.

²⁸ PROUST, M. *Lettres*.

²⁹ TADIE, J.-Y. *Marcel Proust*. Paris: Gallimard, 1999. 2 v.

³⁰ BOUILLAGUET, A.; ROGERS, B. (Dir.). *Dictionnaire Marcel Proust*. Paris: Champion, 2004.

³¹ GREENE, V. Notice biographique des correspondants. In: PROUST, M. *Lettres*, p. 1.169-1.293.

³² PROUST, M. *Marcel Proust et Jacques Rivière: correspondance*. Paris: Plon, 1955.

³³ PROUST, M. *Correspondance avec Daniel Halévy*.

³⁴ A correspondência de Proust com seu editor recebeu tradução no Brasil (PROUST, M.; GALLIMARD, G. *Correspondência*. Tradução de Helena Bonito Couto Pereira. São Paulo: Edusp, 1993). A orelha de João Alexandre Barbosa para esse volume já chamava a

primeira recepção de *Em busca do tempo perdido* na França podem ser encontrados em: *Marcel Proust à la recherche d'un éditeur*,³⁵ ou diretamente no endereço eletrônico da Biblioteca Nacional da França (BnF), que dispõe um importante acervo de periódicos e livros antigos para consulta livre na internet. Essa primeira recepção recebeu o interesse de Eva Alhsted,³⁶ cujo livro estuda os debates morais suscitados pelo romance de Proust entre os anos de 1913 a 1930. Deve ser citado também o interessante livro de Pascale Fravalo-Tane, comparando a recepção francesa com a alemã.³⁷ Entre nós, cabe destacar um artigo de Maria Pereira de Oliveira, da Universidade Federal de Santa Catarina, sobre a recepção de Proust no Brasil e na França.³⁸

atenção para a importância das cartas de Proust. Para João Alexandre Barbosa, as cartas trocadas com Gallimard seriam a “história editorial da própria obra” proustiana, uma história feita de inúmeras idas e vindas. Lembremos que a publicação de *Em busca do tempo perdido* conhece uma interrupção durante a Primeira Grande Guerra e uma outra, após a publicação de *Sodoma e Gomorra*, devido à morte de Marcel Proust em 1922. Durante a guerra, Proust expande as linhas de seu romance, e *No caminho de Swann*, publicado em 1913 pela Grasset, sofre muitas alterações no momento de sua republicação em 1919, pela editora Gallimard. Essas idas e vindas estão bem documentadas na correspondência, que pode assim nos ajudar a compreender a complicada composição do romance.

³⁵ LHOMEAU, F.; COELHO, A. *Marcel Proust à la recherche d'un éditeur*.

³⁶ AHLSTEDT, E. *La pudeur en crise: un aspect de l'accueil d'À la recherche du temps perdu* de Marcel Proust. Paris: Touzot, 1985.

³⁷ FRAVALO-TANE, P. *À la recherche du temps perdu en France et en Allemagne*.

³⁸ OLIVEIRA, M. Marta Laus Pereira. *Aspects de la critique proustienne en France et au Brésil*.

Carta a Daniel Halévy³⁹

Nessa carta ao amigo de colégio, Proust responde às críticas de excesso de preciosismo que uma escritora alemã (amiga do destinatário) fizera a *No caminho de Swann*. Ele responde também à acusação de egotismo, de apreço exagerado pela própria personalidade, lançada por outro amigo do destinatário, o escritor André Spire. É de notar que Proust jamais data suas cartas, o que deixa um problema para seus estudiosos. Essa foi provavelmente redigida poucos dias depois de 6 de fevereiro de 1914. A hipótese se apoia na alusão ao parecer da “leitora alemã” (a carta da senhora Forbes-Mosses a Daniel Halévy sendo datada de 6 de fevereiro).

Caro amigo,

Com muita pressa e muito cansaço. Não compreendo bem o que é a sua *Agência internacional de leituras* [Office international de lectures⁴⁰]. Se há alguma coisa que seja preciso pagar, diga-me, com muito prazer o farei, desde que eu saiba o que devo fazer, você sabe que assinei imediatamente os *Cahiers de la Quinzaine*,⁴¹ quando você me falou deles, mas, insisto, é necessário me dizer o que devo fazer.

³⁹ Daniel Halévy (Paris, 1872-1962) conhece Proust no ano de 1887, durante as aulas do Liceu Condorcet. Nos dois anos seguintes, enquanto ali estudavam, vão trocar cartas, discutir opiniões e trabalhar na publicação de revistas de literatura (*Revue Verte*, *Revue Lilas* e *Banquet*). Durante o julgamento do caso Dreyfus, no ano de 1897, os dois amigos de colégio, ambos de ascendência judaica, vão se encontrar novamente do mesmo lado, agora como *dreyfusards*. Embora suas relações sejam cordiais, Daniel Halévy parece se distanciar bastante das concepções intelectuais do amigo, tal como a presente carta deixa ver. Essas divergências ficarão nítidas mais tarde, durante uma troca de artigos sobre o cinquentenário da morte de Sainte-Beuve. Em 13 de outubro de 1919, Daniel Halévy escreve um longo artigo para o *Journal des Débats* intitulado “La mémoire de Sainte-Beuve”, com o propósito de homenagear o crítico nos cinquenta anos de sua morte. Em seu ensaio intitulado “A propos du ‘style’ de Flaubert”, publicado na *NRF* de janeiro de 1920, Proust cita esse artigo e critica a ideia de que Sainte-Beuve possa ser considerado “um dos grandes guias” da literatura francesa. Daniel Halévy responde a Proust com outro artigo: “Sur la critique de Sainte-Beuve”, que será publicado na *Minerve Française* no dia 7 de fevereiro de 1920. Este dará origem, por sua vez, a duas respostas de Proust: “Pour un ami (remarques sur le style)”, publicado na *Revue de Paris*, no dia 15 de novembro de 1920; e “À propos de Baudelaire”, publicado na *NRF*, em junho de 1921. Daniel Halévy é o autor de inúmeros ensaios e obras de história; podemos citar seu livro *Pour l'étude de la Troisième République* (Paris: Grasset, 1937).

⁴⁰ As cartas de Daniel Halévy não chegaram às nossas mãos. Proust parece levar a sério uma mera brincadeira do destinatário. A “Agência internacional de leituras” seria formada pelo círculo de amigos de Daniel Halévy, os quais pessoalmente ou por meio de cartas trocavam informações, impressões e juízos sobre as novidades literárias e artísticas.

⁴¹ *Cahiers de la Quinzaine* [Cadernos da Quinzena]: alusão à revista bimensal fundada por Charles Péguy em 5 de janeiro de 1900 e extinta em julho de 1914. Entre os seus colaboradores, encontramos o próprio Charles Péguy (boa parte de suas

Vou pedir que lhe enviem dois exemplares de *Swann*. O parecer de sua alemã me causa tristeza.⁴² Pois reflete talvez o que fiz. É o contrário do que queria. *Swann* é uma demonstração. Como sou obrigado (passo a uma comparação musical) a expor um grande número de temas ou, ainda (comparação esportiva), a alinhar um grande número de cavalos para a corrida, há um pouco de atabalhoamento no momento da partida. Mas daí a acreditar que isso foi escrito ao acaso das lembranças!

Por essa mesma razão, o segundo volume, onde os cavalos, muito dispersos, serão vistos com dificuldade, parecerá um pouco vazio, e na chegada (terceiro volume)⁴³ espero que Deus reconheça os seus!

O senhor Spire⁴⁴ me parece equivocado quando se irrita com as pessoas que procuram ler a si mesmas, sem se preocuparem com os outros. Quando fazemos isso de maneira desinteressada para tentar descobrir realidades objetivas (é o meu caso), realizamos a única coisa que pode servir aos outros. As pessoas que escrevem pensando nos outros, tentando ir rumo a eles, são como pessoas que julgam escrever para crianças.

Queira perdoar o tom, devido à brevidade que pede meu cansaço. É somente este o arrogante.

De todo seu,
Marcel Proust

obras será aí publicada), Romain Rolland, Daniel Halévy, Julien Benda e Anatole France. A pedido de seu amigo, Proust será um dos assinantes da revista.

⁴² Alusão à escritora alemã Irene Forbes-Mosse (1864-1946), autora de poemas e narrativas. Em carta dirigida a Daniel Halévy, de 6 de fevereiro de 1914, ela comunica ao amigo sua opinião sobre o romance de Proust: “[...] Sim, li *Swann*. É como um armário de celeiro, cheio de encantadoras roupas foras de moda, vestidos de seda e chapéus de pluma, livros ilustrados, gaiolas de canários e lagartos empalhados, brinquedos e bonecas envelhecidas. Encontramos de tudo aí e há páginas muito engraçadas, essa *soirée* musical por exemplo – como ele enxerga bem os detalhes – mas temos um provérbio ‘Man sieht den Wald vor Bäumen nicht’. Isso seria suficiente para três livros. Ele é terrivelmente sobrecarregado de pormenores, avançamos como em uma floresta virgem, com os pés totalmente amarrados.guardo um pouco para ler de maneira conscienciosa”. (PROUST, *Correspondance avec Daniel Halévy*, p. 129-130). O provérbio alemão poderia ser assim traduzido: “As árvores escondem a floresta”.

⁴³ Como se vê, Proust concebe nesse momento seu vasto romance em apenas três volumes, e não em sete, tal como o conhecemos hoje.

⁴⁴ O teor exato da crítica do escritor e poeta André Spire (1868-1966), um amigo íntimo de Daniel Halévy, não chegou até nós. Ela deve ter sido comunicada diretamente a Daniel Halévy, e transmitida por este a Proust.

Carta a Henri Ghéon⁴⁵

Nessa carta Proust responde ao escritor Henri Ghéon, autor de um artigo sobre *Swann* na *NRF*.⁴⁶ A resenha é severa, enfileirando uma série de argumentos contra o romance e seu autor: “falta de composição”; “esteticismo”; “obra de ócio”, redigida por um diletante; “seu livro é ‘tempo perdido’”; sua importância estaria no fato de que, “com todos os seus defeitos, o livro traz um verdadeiro tesouro de documentos sobre a hipersensibilidade moderna”. Em face de todas essas críticas, Proust decide escrever uma longa carta, em que, misturando voz pessoal e crítica literária, expõe ao crítico algumas das ideias que estariam na origem de *Em busca do tempo perdido*, desde sua composição filosófica até a importância dada aí ao detalhe. Marcel Proust não data a carta, provavelmente escrita poucos dias após a publicação do artigo de Henri Ghéon. Philip Kolb supõe que sua redação tenha ocorrido na noite de 2 de janeiro de 1914 e tenha sido enviada pelo correio no dia seguinte.

Prezado senhor,

Permita que não lhe explique porque tive o desejo de responder (de modo inteiramente privado, bem entendido, porque esta carta não deve ser publicada!) a algumas afirmações demasiado injustas de seu artigo. Minha resposta será necessariamente bastante longa por si só, não quero sobrecarregá-la de preâmbulos que ultrapassariam os limites de minhas forças e de sua paciência.

O senhor diz que esse livro é uma obra de ócio, que disponho de tempo de sobra.⁴⁷ O senhor me desculpará por não entrar em detalhes que não

⁴⁵ Henri Ghéon é o pseudônimo do médico e escritor Henri Vaugéon (1875–1944). Poeta, romancista e dramaturgo, fez parte, ao lado de seu amigo André Gide, do grupo fundador da *Nouvelle Revue Française*, publicando aí regularmente notas de crítica e ensaios. Após a guerra, converte-se ao catolicismo e afasta-se do grupo literário que gravita ao redor de Gide e da *NRF*.

⁴⁶ GHÉON, Henri. Notes: Le roman – *Du côté de chez Swann (À la recherche du temps perdu)*, de Marcel Proust. *La Nouvelle Revue Française*, Paris: Gallimard, n. 61, p. 139-145, 1º jan. 1914.

⁴⁷ Assim começa o artigo de Henri Ghéon: “Eis aqui uma obra de lazer, na mais plena acepção do termo. Não tiro disso um argumento contra ela. Talvez seja o ócio a condição essencial para a obra de arte? Ele pode também torná-la vã. – Toda a questão é de saber se o excesso de ócio não conduziu o autor a ultrapassar aqui a medida [...]. Depois que a diversão de viver permitiu a Proust ter interesse e prazer em cada momento da vida, a diversão de escrever vai conduzi-lo a não tomar

lhe interessariam; direi apenas que uma profissão ativa não é a única coisa que pode privar um homem do ócio, tomar seu tempo. Uma doença, por exemplo, pode ser tão absorvente, tão urgente, tão fatigante, tão envelhecedora, quanto a mais dura das profissões, mesmo as manuais. Quaisquer que sejam a causa e a natureza das ocupações que oprimem minha vida sem cessar, a verdade é que não tenho nenhum tempo de ócio, que disponho apenas de algumas horas de trabalho, não direi por semana, mas por mês, se não for mais exato dizer por ano. Uma vez dito isso, parece tolo decerto de minha parte empreender uma obra cujo objetivo é mostrar as diversas posições que ocupam certo número de personagens no decorrer da vida relativamente a uma outra, realizar para a psicologia o que faria um geômetra que passasse da geometria plana à geometria no espaço, realizar, quero dizer, psicologia no Tempo. Pois uma tal obra deveria preencher um número suficientemente grande de anos, deveria ser longa e seria necessário muito “ócio” para escrevê-la. Seus enormes defeitos têm origem sobretudo no fato de que não disponho disso (de ócio) para escrevê-la. Mas, como ocorre com certos insetos ou vegetais, um instinto me impeliu a depositar, apesar de tudo, meus germens que considero fecundos e que, por mais mal alojados que estejam nesse livro, encontrarão nele contudo uma moradia menos precária do que em meu cérebro.

Mas me diria o senhor, depois disso, o tempo não muda nada a questão, eis aí também meu ponto de vista; se a observação, se a sinceridade, mesmo em um homem sem lazer é, a primeira simplesmente curiosa, quase passiva, a segunda egoísta e superficial, o resultado será vão. E se passarmos quarenta anos de ócio esquecendo a nós mesmos e estudando mundos com um telescópio ou com um microscópio, o resultado poderá não ser vão.

nenhum momento como negligenciável, a produzir o contrário de uma obra de arte, isto é, o inventário de suas sensações, o recenseamento de seus conhecimentos, e a construir o quadro sucessivo, jamais 'conjunto', jamais inteiro, da mobilidade das paisagens e das almas. – O sr. Marcel Proust, em vez de resumir-se, de contrair-se, abandona-se. Não procura a linha de desenvolvimento de um caráter, mas seus aspectos contraditórios e diversos. Não toma sequer o cuidado de ser 'lógico' e menos ainda de 'compor'". [GHÉON, H. Notes: Le roman – *Du côté de chez Swann (À la recherche du temps perdu)*, de Marcel Proust, p. 139-140. Tradução livre].

O senhor fala de loucura da sinceridade.⁴⁸ Eis uma palavra (loucura) que aceito que seja empregada para me designar, mas que eu próprio não gostaria de empregar para designar os outros, de mais a mais, nesse caso em particular, ela ultrapassaria infinitamente meu propósito; não diria, portanto, que há loucura de sinceridade, mas exageração de sinceridade, muito tênue de resto e, apesar de tudo, interessante, quando em sua “Viagem à Florença”, o senhor tem perpetuamente, entre Florença e seu pensamento, sua própria personalidade, quando o senhor se assusta com o fato de que o senhor mesmo mudou, de que possui uma opinião tão diferente daquela que seus amigos poderiam crer etc.⁴⁹

Isso não vale da mesma maneira para mim. O senhor acredita que falo da senhora Sazerat porque não tenho a coragem de omitir o fato de que a vi nesse dia.⁵⁰ Mas não a vi! Considero as horas nas quais senti certa exaltação diante da natureza ou de obras de arte como horas em que estava em estado de “conhecimento” um pouco profundo. Mas, esquecendo-me inteiramente e pensando somente no *objeto* que quero conhecer, não faço com esse conhecimento parcial o que fariam alguns de seus amigos (e aqui não penso mais no senhor de maneira alguma), não conto que experimentei isso, não cubro de lirismo esse pequeno pedaço de verdade. Mas, no momento em que encontrei outros pequenos pedaços de verdade, disponho-os lado a lado para tentar reconstituir, restaurar o objeto, mesmo que seja um vitral. Por meio das horas apaixonantes e clarividentes que, ao longo dos diferentes anos, pude passar na Sainte-Chapelle, em Pont-Audemer, em Caen, em Évreux, reconstituí o *vitral*, dispondo lado a lado as pequenas impressões

⁴⁸ Alusão ao seguinte trecho do artigo: “Seja um vitral, uma paisagem, uma figura humana, um caso de consciência, um *fait divers*, tudo vai da mesma maneira, e tudo é expressamente dito. Esse livro possui a *loucura da sinceridade*: ele tem a afetação e a preciosidade daquele que se quer por demais sincero... Como então julgá-lo?” [GHÉON, H. Notes: Le roman – *Du côté de chez Swann (À la recherche du temps perdu)*, de Marcel Proust, p. 142].

⁴⁹ Alusão ao artigo “L'épreuve de Florence”, escrito pelo destinatário e publicado na *NRF* nos números 47, 48 e 49 (entre novembro de 1912 e janeiro de 1913).

⁵⁰ Alusão à seguinte passagem do artigo de Henri Ghéon: “Eis os fogos de artifício de imagens e de notações que suscitará um vitral e o senhor Proust não nos dispensará sequer da senhora Sazerat com seu embrulho de doces; basta que lembre tê-la visto na igreja uma vez! Quem é no fim a senhora Sazerat? Uma comparsa, de quem dificilmente voltará a falar” [GHÉON, H. Notes: Le roman – *Du côté de chez Swann (À la recherche du temps perdu)*, de Marcel Proust, p. 142].

que me foram oferecidas. Pus diante dele a senhora Sazerat para acentuar a impressão humana da igreja em tal hora. Mas todas as minhas personagens, todas as circunstâncias de meu livro, são inventadas com um propósito de significação.⁵¹ Jamais pretendi contar a história de Swann, quis expor (mas isso me levaria muito longe).

Reconheço que sou eu que estou errado nisso tudo, pois não admito que se julgue um autor por suas intenções e não por sua obra. E quando vejo hoje tal escritor na moda acumular volumes e querer ser louvado por suas intenções generosas, sua profundidade de vistas, mas em toda frase não encontrar a metáfora precisa, fazer uma volta imensa sem jamais conseguir saltar o abismo, lamento que a intenção seja hoje tomada pelo fato.⁵²

E, contudo, duas coisas demonstram que tenho, acredito, exatamente o contrário dessa “loucura de sinceridade” que não recusa nada. Primeiro, meu livro está despojado daquilo de que a maior parte dos romances se ocupa: a menos que seja para dotar de um significado íntimo um desses atos, jamais uma de minhas personagens acorda, fecha uma janela, veste um sobretudo etc. Segundo, eu que levo a vida de um enfermo, jamais escrevi a psicologia, o “romance” de um enfermo. (Jamais teria escrito a página do senhor Werth onde um de seus colaboradores encontra um “acento” que merece admiração (?).)⁵³ Se abordo a enfermidade nos volumes seguintes, trata-se de uma enfermidade inventada pelas necessidades psicológicas da obra. Estou realmente muito cansado para me explicar como desejaria; depois, sei que parecemos minuciosos quando fixamos um olhar interior sobre objetos dificilmente perceptíveis e que apenas com muito esforço conseguimos distinguir; mas sejam estrelas ou micróbios, se os estudarmos com desinteresse, podemos neles descobrir, mais do que mediante a observação pura e simples, as leis profundas da vida ou da natureza.

⁵¹ Esse plano lógico ou filosófico do romance será abordado também na carta seguinte, dirigida a Jacques Rivière.

⁵² Referência obscura. Segundo Philip Kolb, alusão ao escritor Romain Rolland, que recebera há pouco o prêmio da Academia Francesa.

⁵³ Alusão a um trecho da resenha que Jean Schlumberger, colaborador da NRF, faz do livro de Léon Werth intitulado *La maison blanche* (NRF, n. 61, p. 151-152, jan. 1914). Nessa resenha Jean Schlumberger elogia o “acento” que Léon Werth encontra para narrar sua doença e sua estadia no hospital.

Porque eu digo “eu” acreditam que sou subjetivo. Porque sou obrigado a agrupar em meu primeiro volume – como cavalos no ponto de partida de uma corrida – tudo o que se modificará em minhas personagens com a passagem do tempo, o primeiro volume, a “largada”, parece muito carregado. Não teria sido grosseiro e muito simples indicar para o leitor desde o início meu projeto? Certas pessoas acham que retomo uma situação bem banal quando mostro Swann confiando ingenuamente sua amante ao senhor de Charlus, que, supõem esses leitores, engana Swann. Ora, não se trata de nada disso. O senhor de Charlus é um velho homossexual que ocupará quase todo o terceiro volume e Swann – por quem o senhor de Charlus foi apaixonado no colégio – sabe que não corre nenhum risco confiando-lhe Odette. Mas prefiro ser considerado banal nesse primeiro volume a nele “anunciar” uma coisa que eu não deveria evidentemente saber nesse momento. Quando lerem o terceiro volume e associarem-no ao primeiro, à única passagem em que o senhor de Charlus aparece por um instante, verão que me olha fixamente e compreenderão nesse momento por quê. É claro que isso passa despercebido no primeiro volume. Mas isso me parece mais honesto como arte, realizar com probidade coisas que não serão vistas.

Senhor, mal comecei o que queria dizer e sou obrigado a concluir. Sinto-me tentado, a fim de mostrar que se pode julgar de outro modo esse livro (e não digo que não seja o senhor que tenha razão, para minha tristeza), a realizar uma coisa bem ridícula e citar uma carta redigida pelo escritor contemporâneo que mais admiro, o senhor Jammes;⁵⁴ durante toda a minha vida vi-o somente uma vez, por dois minutos; não mantemos relações; não posso portanto considerar sua carta uma amabilidade. O senhor verá que o senhor Francis Jammes disse exatamente o contrário do senhor e justamente sobre os mesmos pontos. Para minha tristeza, temo muito que, ao menos a respeito de um deles, seja o senhor que tenha razão. Eis aqui um trecho da carta do senhor Francis Jammes: “Esse prodigioso afresco todo fervilhante, que aos poucos se revela, esse inesperado dos caracteres, tão *lógico* em seu aparente ilogismo, essa frase à

⁵⁴ Francis Jammes (1868–1938) é poeta e escritor francês. A carta a que Proust faz alusão não chegou até nós. Proust conheceu o escritor no salão da senhora Daudet (Julia Daudet, nascida Julia Allard – 1844–1940), esposa de Alphonse Daudet e mãe de Léon e Lucien Daudet.

maneira de Tácito, cultivada, sutil, equilibrada, eis aí o gênio que se destaca em tons maiores. O abismo dos corações. O senhor aqui confraterniza com os maiores, com Shakespeare, Cervantes, La Bruyère, Molière, Balzac, Paul de Kock. Eis aí, Marcel Proust, que acabo de homenagear, o que é no senhor muito mais do que talento (segue uma página na qual o senhor Jammes me pede para suprimir na próxima edição a cena do sadismo entre as duas mulheres). Que o senhor nos faça penetrar com uma inacreditável verdade no pungente ciúme de Swann etc. etc. etc., reconheço aí a marca de um mestre. Quem levou a análise até esse ponto? Na França, ninguém. Eis porque é infinitamente lastimável que não se possa difundir esse livro como um modelo de *forma, a mais cultivada* que conheço, como um modelo de análise sem igual”. Não creia que escolhi os elogios mais excessivos. Outros não o são menos. (Mas fui eu que sublinhei as palavras, lógica, forma, frase etc., porque o senhor disse precisamente o contrário e não raro, suspeito, com razão).

Não preciso dizer que confio à sua mais absoluta discrição essas passagens da carta do senhor Francis Jammes. Se o senhor publicá-las, seja uma frase, na *NRF*, o senhor me faria cometer um ato de verdadeira deslealdade para com um homem que me escreveu uma carta pessoal, sem me dar nenhuma autorização (e que não penso de resto pedir!). Comunicando-a somente ao senhor, não creio cometer uma indelicadeza para com o senhor Jammes. Dou-me somente ao ridículo de parecer exibir uma referência e uma aprovação.

Infelizmente, minha carta, o fato somente de tê-la escrito, as proporções que lhe dei, vão fornecer ao senhor uma razão a mais para acreditar que sou um homem ocioso e que disponho de muito tempo para perder. E, de fato, trata-se de tempo e esforço perdidos, pois não são apenas as obras de arte que nos obrigam a cultivar lentamente equivalentes em nosso coração. Isso vale também para todas as nossas ideias. Sei que nossos espíritos não encerram as mesmas (ou elas se acham ao menos num grau diferente de maturação). Por isso, esta carta parecerá somente um vão falatório.

Não queria terminá-la sem dizer obrigado e com um pouco de tristeza. Tive a impressão de que a segunda parte de seu artigo, tão benevolente para comigo, refletia menos sua verdadeira opinião do que a primeira, refletia, sobretudo, um movimento de bondade, o desejo de adocicar um pouco

suas críticas. O senhor foi mesmo demasiado indulgente para com meus Verdurins, que considero inteiramente falhados. Parece-me que as conversações na *soirée* da senhora de Saint-Euverte foram feitas com mais fineza e sentido. Mas o senhor tem razão, todo o livro é bem ruim.

Queira aceitar, senhor, os meus respeitosos cumprimentos.

Marcel Proust

Sobretudo não se dê o trabalho de me responder! (Se o senhor se der, ao menos, o de me ler).

Carta a Jacques Rivière⁵⁵

Nessa famosa carta, talvez uma das mais citadas de sua correspondência, Proust agradece a leitura simpática e cuidadosa que seu destinatário, então secretário da *NRF*, fizera de seu *Swann*: “Finalmente encontro um leitor que adivinha que meu livro é uma obra dogmática e uma construção”. Infelizmente, a carta de Jacques Rivière não chegou até nós. Proust não tem medo aqui de se estender sobre seu romance, distanciando-o de uma literatura de diletantes e declarando que se trata de uma “busca da Verdade”. O caráter fortemente filosófico que a carta atribui ao romance dará origem a diversas interpretações: *Em busca do tempo perdido* seria um “roman à thèse”? Jacques Rivière anotou sobre o cabeçalho da carta: “7 de fevereiro de 1914”. A partir dessa anotação, Philip Kolb supõe que sua redação tenha ocorrido no dia 6 de fevereiro.

⁵⁵ Jacques Rivière (1886–1925) é escritor, autor de ensaios e romances. Desde 1906, colabora com artigos para a *NRF*. A partir de 1911, torna-se secretário da revista. Durante a guerra, luta no fronte e torna-se prisioneiro do exército alemão. A partir de 1919, passa a dirigir a *NRF*. Talvez seja o primeiro e mais forte admirador de Proust na revista, dedicando-lhe importantes artigos: “Marcel Proust et la tradition classique”, “Marcel Proust et l’esprit positif”. Juntamente com o médico-cirurgião Robert Proust, irmão de Marcel Proust, será um dos principais responsáveis pela edição dos volumes póstumos de *Em busca do tempo perdido*. Sua correspondência com o escritor foi editada por Philip Kolb no livro: PROUST, M. *Marcel Proust et Jacques Rivière: correspondance* (Paris: Plon, 1955). Os vários artigos que dedicou ao romance de Proust foram reunidos no livro: *Quelques progrès dans l’étude du cœur humain*, editado por Thierry Laget (Paris: Gallimard, 1985).

Caro senhor,

Finalmente encontro um leitor que *adivinha* que meu livro é uma obra dogmática e uma construção! E que alegria para mim que esse leitor seja o senhor. Pois os sentimentos que o senhor gentilmente quis a mim expressar, senti-os com frequência lendo eu próprio o senhor, de sorte que fizemos, cada um de seu lado, os primeiros passos rumo ao outro e estabelecemos a base para uma amizade espiritual. O senhor não julga meu livro sem defeitos, não aprecio seus artigos sem reservas. Mas isso não impede a admiração, ainda que o senhor tenha dito de Stendhal, num parêntese indigno, absurdo e adorável: “Ele julga seus amigos!”.⁵⁶

Achei mais probo e mais delicado como artista não mostrar, não anunciar que era precisamente em busca da Verdade que partia nem em que ela consistia para mim. Detesto tanto as obras ideológicas nas quais a narrativa é a todo momento uma falha das intenções do autor que preferi não dizer nada. É apenas no fim do livro, uma vez as lições da vida compreendidas, que meu pensamento se revelará. Este que expressei no fim do primeiro volume, nesse parêntese sobre o Bois de Boulogne, disposto aí como um simples para-vento para concluir e fechar um livro que não podia por razões materiais exceder quinhentas páginas, é o *contrário* de minha conclusão. Se disso deduzirem que meu pensamento é um ceticismo desencantado, isso seria como se, tendo visto, no fim do primeiro ato de *Parsifal*, essa personagem não compreender nada a respeito da cerimônia e ser expulsa por Gurnemanz, o espectador chegasse à conclusão que, para Wagner, a simplicidade do coração não leva a nada.⁵⁷

Nesse primeiro volume o senhor viu o prazer que me causa o gosto de uma madalena molhada no chá, digo então que paro de me sentir mortal etc., e

⁵⁶ Referência a um artigo em que Jacques Rivière critica o diário de Stendhal. O artigo, intitulado “De la sincérité envers soi-même”, foi publicado na *NRF*, n. 37, de 1º de janeiro de 1912, p. 5-18.

⁵⁷ No dia 4 de janeiro de 1914, uma versão francesa da ópera *Parsifal* estreou na Ópera Nacional de Paris. A admiração que Proust nutre por Wagner vem de longa data e não será diminuída durante a Primeira Grande Guerra, um momento em que a música e a cultura alemãs são vilipendiadas pela propaganda nacionalista francesa.

que não compreendo por que. Explicarei isso somente no fim do terceiro volume. Tudo é assim construído. Se Swann confia de modo tão benevolente Odette a Charlus (o que faz parecer que eu tenha querido reeditar as banais situações do marido que confia no amante de sua mulher), isso ocorre porque o senhor de Charlus, bem longe de ser o amante de Odette, é um homossexual que tem horror às mulheres, e Swann tem consciência disso. Da mesma maneira, no terceiro volume, o senhor verá a razão profunda da cena entre as duas moças,⁵⁸ das manias de minha tia Léonie⁵⁹ etc.

Não, se não tivesse crenças intelectuais, se buscasse tão somente recordar e comparar inutilmente minhas lembranças com os dias que vivemos, não me daria o trabalho de escrever, doente como sou. Mas essa evolução de um pensamento, não quis analisá-la abstratamente, mas recriá-la, fazê-la viver. Sou, portanto, forçado a pintar os erros, sem acreditar que devo dizer que os tenho por erros; tanto pior para mim se o leitor acreditar que os tenho por verdades. O segundo volume acentuará esse mal-entendido. Espero que o último o dissipe. Fico muito contente que isso não tenha ocorrido, ao menos, entre mim e o senhor – e peço que aceite, pela bondade que o senhor demonstrou ao me escrever, meu muito profundo (e espero que o senhor me permita acrescentar, algum dia, muito afetuoso) reconhecimento.

Marcel Proust

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLSTEDT, E. *La pudeur en crise: un aspect de l'accueil d'À la recherche du temps perdu* de Marcel Proust. Paris: Touzot, 1985.

BECKETT, Samuel. *Disjecta*. Nova York: Grove, 1984.

BECKETT, Samuel. *Proust*. Tradução de Arthur Nestrovski. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

⁵⁸ Alusão a uma passagem de *No caminho de Swann* em que o narrador-protagonista, através de uma janela, escondido, descobre a natureza sádica das relações que a senhorita Vinteuil mantém com uma de suas amigas.

⁵⁹ Alusão às manias de tia Léonie, personagem de *No caminho de Swann*, notadamente sua preocupação compulsiva em torno de seu próprio estado de saúde, seu hábito de passar todo o dia na cama de seu quarto, seu desejo de se manter informada das crônicas de sua pequena Combray.

- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 36-49.
- BOUILLAGUET, A.; ROGERS, B. (Dir.). *Dictionnaire Marcel Proust*. Paris: Champion, 2004.
- BRUNET, E. *Le vocabulaire de Proust*. Genebra: Slatkine; Paris: Champion, 1983.
- DIAZ, B. *L'épistolaire*, ou la pensée nomade. Paris: PUF, 2002.
- FRAISSE, L. *La correspondance de Proust*. Besançon: Annales Littéraires de l'Université de Franche-Comté, 1998.
- FRAVALO-TANE, P. À la recherche du temps perdu *en France et en Allemagne*. Paris: Champion, 2008.
- GHÉON, H. Notes: Le roman – *Du côté de chez Swann (À la recherche du temps perdu)*, de Marcel Proust. *La Nouvelle Revue Française*, Paris: Gallimard, n. 61, p. 139-145, 1^o jan. 1914.
- GREENE, V. Notice biographique des correspondants. In: PROUST, M. *Lettres*. Paris: Plon, 2004. p. 1.169-1.293.
- LHOMEAU, F.; COELHO, A. *Marcel Proust à la recherche d'un éditeur*. Paris: Olivier Orban, 1988.
- OLIVEIRA, M. Marta Laus Pereira. Aspects de la critique proustienne en France et au Brésil. *Fragmentos*, Florianópolis: UFSC, v. 6, n. 2, p. 55-84, jan./jun. 1997.
- PROUST, Marcel. *Marcel Proust et Jacques Rivière: correspondance*. Paris: Plon, 1955.
- _____. *Correspondance*. Paris: Plon, 1970-1993. 21 vols.
- _____. *Correspondance*. Texto estabelecido, apresentado e anotado por Philip Kolb. Paris: Plon, 1985, t. XIII.
- _____. *À la recherche du temps perdu*. Paris: Gallimard, 1988. t. II.
- _____. *Correspondance avec Daniel Halévy*. Texto estabelecido por Anne Borrel e Jean-Pierre Halévy. Paris: Fallois, 1992.
- _____. *Lettres*. Paris: Plon, 2004.
- _____; GALLIMARD, G. *Correspondência*. Tradução de Helena Bonito Couto Pereira. São Paulo: Edusp, 1993.
- ROBERT, L. *Comment débuta Marcel Proust*. Paris: Gallimard, 1969.
- SOUDAY, Paul. Du coté de chez Swann – 10 décembre 1913. In: _____. *Marcel Proust*. 5. ed. Paris: Simon Kra, 1927. p. 7-16.
- SPITZER, Leo. Le style de Marcel Proust. In: _____. *Études de style*. Paris: Gallimard, 1970. p. 397-473.
- TADIÉ, J.-Y. *Marcel Proust*. Paris: Gallimard, 1999. 2 v.